

## Despreparo e oportunismo

Rogério L. Furquim Werneck\*

Atordoado com o choque de realidade a que foi submetido, o País se deu conta, afinal, de que não havia mesmo como ficar ao largo da ruptura de escala global que o governo Trump vem promovendo, ao abandonar o sistema de relações internacionais baseado em regras e impor, a torto e a direito, barreiras tarifárias descomunais fadadas a redundar em alarmante desarticulação do comércio mundial.

Para poder enfrentar com sucesso as sérias dificuldades que advirão da deterioração do ambiente externo, o Brasil precisa cuidar com urgência de suas fragilidades mais óbvias: criar juízo, reverter a polarização tresloucada em que está metido e deixar de manejar seus recursos fiscais como se não houvesse amanhã. A menos de 15 meses das eleições de 2026, nada disso promete ser fácil.

Já há algum tempo, analistas políticos vêm ressaltando que, mais uma vez, a disputa presidencial será decidida por eleitores pendulares de centro. Os mesmos 10% do eleitorado que deram a vitória a Lula em 2022. Tal vaticínio tem sido primordialmente lido como advertência ao presidente Lula, propenso a acreditar que é uma guinada à esquerda que lhe garantirá a reeleição. Mas também deveria ser lido como advertência a candidatos de centro-direita aferrados a discursos que claramente horrorizam eleitores de centro.

Basta ter em conta a forma lamentável como governadores que vêm sendo aventados como possíveis adversários de Lula na disputa presidencial do ano que vem reagiram ao tarifaço de Trump. Foram reações que denotaram uma combinação preocupante de falta de reflexão, despreparo, excesso de oportunismo e incompreensível vassalagem a Jair Bolsonaro.

O que ocorreu em Washington, na semana passada, serviu para reduzir a família Bolsonaro à sua expressão mais simples e permitir que passe a ser percebida, mesmo pelos mais desavisados, como de fato é. E sempre foi.

No governo, também campeiam o despreparo e o oportunismo. Mais uma vez, a reação à crise vem sendo dominada pela face ativa da política externa. A ativa está por ser vista. E a proativa tem sido um desastre. Seis meses após a Casa Branca ter-se convertido numa central de desestabilização da ordem econômica mundial, o governo Lula ainda não tem para quem ligar em Washington.

Mas Brasília parece não ter pressa. Tendo chegado à metade de seu primeiro ano no cargo sem conseguir mostrar qualquer reversão palpável da queda de popularidade do

presidente, o marqueteiro do governo viu-se agora salvo pelo gongo, pela espetacular marquetagem favorável ao Planalto orquestrada pela família Bolsonaro em Washington.

O Planalto não consegue esconder seu regozijo com o salva-vidas político que lhe lançou Trump. E sonha com a possibilidade de que possa ter tanta sorte quanto a que se viu no Canadá, no México e na Austrália, onde a “ameaça externa” agiu como revigorante mágico do apoio a governos fragilizados que se viram às voltas com arbitrariedades trumpistas.

Se é mesmo verdade que o tarifaço tirou o governo das cordas e deu novo alento à campanha da reeleição, seria muito bom se o Planalto se permitisse ficar menos desesperado e, consciente da gravidade do quadro que o País enfrenta, suspendesse boa parte da inconsequência fiscal que tem engatilhada para os próximos 15 meses.

Mas tudo indica que não há a menor chance de que isso ocorra. Incerto sobre por quanto tempo mais poderá prolongar os efeitos mágicos da “ameaça externa”, o governo insistirá na sua escalada de inconsequência fiscal, calcada agora na narrativa de polarização de uma nação dividida entre ricos e pobres, patriotas e entreguistas.

Em meio a um quadro de séria deterioração do ambiente externo, pouco importa que o governo não tenha ideia de como o Orçamento de 2026 poderá ser fechado, que o endividamento público esteja dando um salto de 12% do PIB em um único mandato presidencial e que a economia esteja atrelada à bola de ferro de taxas reais de juros absurdamente altas. Tudo isso merecerá atenção a seu tempo. Após a reeleição.

---

\* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.